



FACULDADE DE FILOLOXÍA

Traballo de Fin de Grao

# **O ditongo *ou* em portuguêis: história e atualidade**

Grao en Lingua e Literaturas Modernas: Portuguêis

Curso 2019-2020

Autora: María Caíña Hurtado  
Titor: José Antonio Souto Cabo



FACULTADE DE FILOLOXÍA

Traballo de Fin de Grao

# **O ditongo *ou* em portuguêis: história e atualidade**

Grao en Lingua e Literaturas Modernas: Portuguêis

Curso 2019-2020

A handwritten signature in black ink, which appears to be 'María Caíña Hurtado', is centered on the page.

Autora: María Caíña Hurtado  
Titor: José Antonio Souto Cabo

CUBRIR ESTE FORMULARIO ELECTRONICAMENTE

**Formulario de delimitación de título e resumo**  
Traballo de Fin de Grao curso 2019/2020

APELIDOS E NOME:	CAÍÑA HURTADO, MARÍA
GRAO EN:	LINGUAS E LITERATURAS MODERNAS
(NO CASO DE MODERNAS) MENCIÓN EN:	LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS LUSÓFONAS
TITOR/A:	JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO
LIÑA TEMÁTICA ASIGNADA:	LINGUA PORTUGUESA

SOLICITO a aprobación do seguinte título e resumo:

**Título:**




O ditongo *ou* em português: história e atualidade

**Resumo**

O presente traballo tem como objetivo principal o estudo da situación do ditongo *ou* no português contemporâneo. Para isso, será analisada a sua origem e evolución desde o latim, com especial atención às variações na representación do ditongo que existiram na Idade Média. Além do anterior, elaborar-se-á uma comparación com outras línguas românicas, entre elas o castelhanao.

O estudo da evolución do ditongo levar-nos-á a tratar, posteriormente, a situación actual: nomeadamente, no referente à existência ou não de monotongação nas variedades de Portugal e do Brasil e à alternância com o ditongo *oi*. Com o objetivo de analisarmos de modo exaustivo as diferencas entre as variedades portuguesa(s) e brasileira(s), será preciso trabalharmos com dados procedentes de dois tipos de fontes: por um lado, dados extraídos de *corpora* brasileiros e portugueses e, por outro, dados extraídos da leitura e análise de trabalhos de investigación que estudem a distribución e o usos do ditongo nas diferentes variedades do português. Estes dados serão a base para o estabelecimento de conclusões sobre o percurso histórico da situación do ditongo e a comparación com a atualidade.

Santiago de Compostela, 11 de maio de 2020.

<p>Sinatura do/a interesado/a</p> <p>CAÍÑA HURTADO MARIA - 76735543E</p>  <p><small>Firmado digitalmente por CAÍÑA HURTADO MARIA - 76735543E Fecha: 2020.05.10 17:55:42 +0200</small></p>	<p>Visto e prace (sinatura do/a titor/a)</p> 	<p>Aprobado pola Comisión de Títulos de Grao con data</p> <p>25 MAI. 2020</p> <p>Selo da Facultade de Filoloxía</p> 
--	--	---

SRA. DECANA DA FACULTADE DE FILOLOXÍA (Presidenta da Comisión de Títulos de Grao)

## Índice

Introdução .....	2
1. Objetivos e metodologia .....	4
2. Questões teóricas: variação e mudança linguística.....	6
3. Origens e evolução do ditongo <i>ou</i> .....	9
4. O ditongo <i>ou</i> no português atual .....	15
4.1.O ditongo <i>ou</i> em Portugal .....	15
4.2.O ditongo <i>ou</i> no Brasil.....	23
4.3.Aspetos sociolinguísticos: análise da variedade formal.....	26
Conclusões .....	31
Bibliografia.....	33

## Introdução

Um dos aspetos que caracteriza o português face a outras línguas da Península ibérica é a conservação dos ditongos *ou* e *ei*, únicos vestígios que conserva a língua (quer dizer, que não sofreram monotongação total) do sistema de ditongos latino. O ditongo *ou*, em particular, teve uma evolução interessante e apresenta uma distribuição que na atualidade está a ser objeto de interesse do ponto de vista dos estudos linguísticos. Nesse âmbito, este trabalho constitui uma descrição e análise diacrónica e sincrónica do ditongo *ou* em português.

Primeiramente, descrevem-se as origens (a partir de *au* primário e secundário) e evolução do ditongo na história da língua. Neste ponto, discutem-se as divergências entre as diferentes teorias sobre a datação dos diferentes fenómenos evolutivos, para além das primeiras manifestações do ditongo nos textos romances e, em concreto, nos galego-portugueses.

Depois, leva-se a cabo um estudo da situação atual do ditongo em Portugal e no Brasil, com base em dados procedentes de fontes diversas: investigações publicadas sobre o assunto, dados de atlas linguísticos e outros procedentes de bases de dados. Esta análise de materiais visa realizar uma descrição pormenorizada da distribuição dos diferentes processos de variação relacionados com o ditongo: nomeadamente, o processo de monotongação e a sua origem geográfica e/ou social, junto da alternância com o ditongo *oi* em diversas formas linguísticas e áreas geográficas do português. O interesse especial que tem o ditongo *ou* como objeto de estudo reside em que as variações que apresenta podem estudar-se do ponto de vista da variação dependente de fatores linguísticos e extralinguísticos. Neste sentido, os fatores extralinguísticos (fundamentalmente geográficos e situacionais) são os que têm um maior peso no nosso estudo. Porém, também serão referidos alguns fatores linguísticos que podem condicionar a variação. Pretende-se, assim, identificar quais são os fatores que podem estar relacionados com este processo de variação.

Quanto à estrutura do trabalho, de maneira breve podemos resumi-la em cinco partes fundamentais:

- a) Esclarecimento de questões relativas aos objetivos do estudo e à metodologia.
- b) Apresentação de aspetos teóricos relativos a conceitos básicos do estudo da variação e mudança linguística.
- c) Estudo sobre as origens do ditongo *ou* e a sua evolução.

- d) Análise da situação atual do ditongo no português europeu e brasileiro, com um breve estudo empírico final que visa estabelecer um modelo de pesquisa que tenha como foco a variação diafásica.
- e) Conclusões extraídas do estudo realizado.

Para além das conclusões derivadas do nosso trabalho, também se expõem no capítulo final as possíveis aplicações que pode ter a investigação realizada. Aliás, explorar-se-ão possíveis vias de estudo para dar continuidade ao trabalho iniciado no presente estudo.

## 1. Objetivos e metodologia

O presente estudo visa realizar uma descrição das origens e evolução do ditongo *ou* em português, além de apresentar e analisar a situação atual do ditongo no português europeu e brasileiro. Assim, pretende-se, por um lado, obter uma visão diacrónica sobre esta questão e, por outro, identificar os fatores principais que incidem nos fenómenos de variação que afetam atualmente o ditongo. As hipóteses de partida são essencialmente três:

- a) Os fatores geográficos são determinantes na distribuição das diferentes variantes do ditongo *ou* em português europeu.
- b) Os fatores geográficos não são determinantes na distribuição das diferentes variantes do ditongo *ou* em português brasileiro.
- c) O fator situacional é determinante na distribuição das diferentes variantes do ditongo *ou* em português brasileiro e, aliás, pode servir para estabelecer contrastes entre as variedades geográficas portuguesa e brasileira.

Para podermos realizar as pesquisas necessárias que nos facultem a confirmar ou refutar as hipóteses iniciais, é preciso estabelecer uma metodologia de trabalho que permita obter dados procedentes de fontes diversas que possam servir como base para a análise. A metodologia estabelecida poderá ser sintetizada nos seguintes pontos:

- a) Consulta e análise de materiais bibliográficos que tenham como foco o estudo da história da língua, com o fim de extrair informações relativas ao nosso objeto de análise.
- b) Consulta de trabalhos de investigação que tenham como objeto de estudo quer a origem e evolução do ditongo, quer a situação atual que este apresenta nos dialetos portugueses e brasileiros.
- c) Análise dos processos de variação aos quais está sujeito o ditongo na atualidade: nomeadamente a monotongação e a alternância com *oi*.
- d) Elaboração de um panorama geral da situação atual do ditongo em Portugal, com base em dados procedentes de fontes bibliográficas e com uma breve análise de dados tirados do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI) (García et al., 2016).

- e) Elaboração de um panorama geral da situação atual do ditongo no Brasil, com base em dados procedentes de fontes bibliográficas. Nomeadamente, partir-se-á de investigações de carácter linguístico e dialetal que tenham como foco o processo de monotongação do ditongo *ou* e a sua incidência em diferentes regiões do território brasileiro.
- f) Análise de dados extraídos do dicionário de pronúncia *Forvo*, com o fim de definirmos a possível relação entre o contexto situacional e a escolha da variante (ditongada ou monotongada) por parte de falantes brasileiros e portugueses.
- g) Análise comparativa dos dados obtidos para Portugal e para o Brasil, com o fim de estabelecer as conclusões pertinentes.

Este proceder metodológico permite obter uma visão panorâmica dos estudos realizados nos últimos anos sobre este assunto. Aliás, também nos leva a comparar esses estudos com dados procedentes de fontes que contêm informação da língua real e atual. Por último, vai permitir explorar novas vias de estudo que possam ser retomadas em investigações futuras.

## 2. Questões teóricas: variação e mudança linguística

As línguas não são entidades homogêneas. A variação é uma característica inerente a todas as línguas humanas. Poder-se-ia dizer que as línguas não existem como unidades, mas como conjuntos de dialetos ou variedades linguísticas que apresentam um alto grau de diversidade. Esta é uma característica bem conhecida dos nossos códigos de comunicação: o próprio Saussure indicava, a respeito da variação geográfica, que as línguas humanas apenas conhecem dialetos (Saussure, 1983, p. 285). Porém, esta variação (intra-linguística) não é aleatória: depende de fatores geográficos, temporais, sociais e situacionais. Existem, portanto, quatro eixos de variação linguística: o diatópico, o diacrónico, o diastrático e o diafásico.

A variação diatópica ou geográfica depende da distribuição espacial das línguas. Assim, os falantes de uma determinada língua que vivem em territórios diferentes não falam do mesmo modo. Não obstante, as fronteiras entre os diferentes dialetos ou variedades geográficas nem sempre estão bem definidas, sendo por vezes difícil determinar onde é que começa um dialeto. Isto explica-se porque este tipo de variação acontece de forma gradual, quer dizer, pela acumulação de leves divergências entre os diferentes dialetos contíguos. Esta característica recebe o nome de *continuum dialetal* (Penny, 2004, p. 16): estas pequenas diferenças graduais não impedem a intercompreensão, pelo que provocam uma ideia de unidade linguística, mesmo em variedades que não são muito próximas.

De outra parte, a variação diacrónica é a que determina as mudanças linguísticas e, em consequência, a aparição de variedades sincrónicas. As línguas mudam com o tempo, e estas mudanças produzem-se com maior ou menor rapidez dependendo do território e a própria história da comunidade de fala (Penny, 2004, p. 22). Porém, o passo do tempo não é o único fator que determina a mudança das línguas:

Non se pode negar, en definitiva, que as vicisitudes históricas experimentadas por unha colectividade humana determinan de maneira directa o tipo de relacións linguísticas que no seu seo se establecen. Mais, se non tan directa e non determinantemente, os factores sociais, políticos e culturais tamén exercen certa influencia sobre a transformación interna das línguas, imprímenlle unha ou outra dirección ao cambio lingüístico. (Mariño Paz, 1998, p. 15)

A mudança, então, está determinada por diversos fatores e é uma característica constante das línguas humanas. Por vezes, a periodização das mudanças linguísticas é

complexa, precisamente pela própria natureza das línguas, que continuamente se estão a adaptar às necessidades que têm os seus falantes:

Se a função da língua é permitir a comunicação entre os falantes, dois requisitos terão de ser cumpridos: *a)* continuidade (a mudança poder afectar o sistema linguístico, mas nunca desorganizá-lo) e *b)* mudança. Dito de outro modo: a mudança justifica-se pela necessidade de comunicação. A língua muda porque mudaram as necessidades expressivas dos falantes, mas não pode mudar tanto que a comunicação fique afectada. Em última análise, a língua muda porque é um sistema em perpétua adaptação às necessidades expressivas dos seus utentes. (Cardeira, 2005, p. 33)

Quanto à variação diastrática, é preciso levarmos em consideração que as línguas também variam em função de fatores de tipo social. Assim, a fala dos indivíduos pode apresentar diferenças relativas, por exemplo, ao sexo ou à idade dos falantes. A variação social tem uma importância fundamental na própria construção da sociedade, dado que os indivíduos que pertencem a uma comunidade de fala são capazes de observar diferenças na forma de falar que têm os diferentes grupos sociais com os quais convivem:

The internal differentiation of human societies is reflected in their languages. Different social groups use different linguistic varieties. Why does social differentiation have this effect on language? We may note parallels between the development of these social varieties and the development of regional varieties [...]. Dialectologists have found that regional-dialect boundaries often coincide with geographical barriers [...]. The development of social varieties can perhaps be explained in the same sort of way –in terms of social barriers and social distance. The diffusion of a linguistic feature through a society may be halted by barriers of social class, age, race, religion or other factors. (Trudgill, 1995, pp. 22–23)

Estas barreiras sociais, determinadas por fatores diversos, são as que explicam a existência de diferentes variedades sinstráticas dentro de uma mesma comunidade de fala. Não obstante, como acontecia com a variação geográfica, as fronteiras entre as diferentes variedades sociais são também difusas.

Finalmente, a variação diafásica depende da situação comunicativa, do contexto no qual estejam inseridos os falantes. Assim, uma mesma pessoa não fala da mesma maneira em todas as situações, já que pode usar diferentes variedades em função de se está, por exemplo, num contexto coloquial ou formal. Como indica Trudgill (Trudgill, 1995, p. 84): “[l]anguage [...] varies not only according to the social characteristics of speakers [...] but also according to the social context in which they find themselves. The

same speaker uses different linguistic varieties in different situations and for different purposes”.

Tendo em conta o referido, poder-se-ia dizer que a diversidade é uma característica natural de todas as línguas. Por esta razão, para estudarmos uma língua é preciso aceitar o seu caráter heterogéneo e, ainda, é preciso considerar que as pessoas não falam uma língua (i.e. um conjunto heterogéneo de variedades), mas falam uma variedade linguística (Moreno Cabrera, 2000, p. 47).

Assim, quando queremos estudar um determinado fenómeno linguístico ou um aspeto concreto da gramática das línguas, devemos considerar os eixos de variação que afetam ou podem afetar o nosso objeto de estudo. Quanto ao objeto do presente trabalho, o ditongo *ou* em português, veremos que é suscetível de ser analisado em função dos quatro eixos de variação apresentados: primeiramente, é preciso conhecermos a sua origem e as mudanças que experimentou ao longo do tempo; em segundo lugar, vemos também que na sua distribuição geográfica apresenta diferenças importantes de uso, em terceiro lugar, os seus usos também podem depender de fatores sociais como o sexo e, por último, os fatores situacionais vão ser importantes na hora de determinar qual é a variante que os falantes das diferentes comunidades consideram mais prestigiosa.

### 3. Origens e evolução do ditongo *ou*

Para podermos explicar a situação que apresenta o ditongo *ou* no português atual é preciso obter primeiramente uma visão diacrónica das mudanças que experimentou ao longo da história. Com este propósito, partiremos do latim e, particularmente, do latim vulgar, para estudar as origens do ditongo e a sua evolução até a situação atual.

Como sabemos, no latim clássico existiam três ditongos: AE, OE e AU. Deles, o ditongo *au* foi o mais resistente (talvez pela sua alta expressividade), pois persistiu no romance. Temos exemplos da conservação ou evolução deste ditongo latino em diferentes línguas romances:

[S]e ha conservado en rumano, en italiano meridional, en reto-romance y en antiguo provenzal; mientras que en portugués su evolución se ha detenido en el estadio *ou* u *oi*: *audit* < rum. *aude*, ret. *auda*, a. prov. *au*, port. *ouve*; *auru* > rum. rét. prov. *aur*, port. *ouro*. En otros casos, es decir en español, en italiano del Norte y en francés, la culminación de *au* en *o* es tardía e independiente en cada lengua [...]. En umbro y en otras hablas vecinas del Lacio, la monoptongación de *au* se había realizado, por el contrario, muy pronto, y no tarda en infiltrarse en Roma, aunque como provincialismo. (Väänänen, 1988, pp. 84–85)

Como vemos, nas origens do ditongo português *ou* temos o *au* latino, que existiu no latim clássico e continuou no latim vulgar. Esta evolução de *au* em *ou* trata-se, aponta Ferreiro (1999, p. 70), de um caso de assimilação regressiva, isto é, de transmissão de alguma das características sonoras (a segunda vogal é fechada) do segundo fonema para o primeiro: *au* > *ou* > *ou*. Assim, esta foi a evolução mais comum que teve o ditongo primário *au* latino (ou germânico) (Maia, 1986, p. 548):

Após o tempo que compreende as invasões germânicas (séc. V), árabes (séc. VIII) e a reconquista cristã (séc. IX - XIII), o ditongo latino manteve-se conservado pela população moçárabe nos mesmos territórios onde, anteriormente (aproximadamente no séc. XI), este ditongo também existia (territórios correspondentes na actualidade a Portugal, Galiza e Leão ocidental). Na maior parte dos casos, nestes territórios, o ditongo evoluiu para *ou*, embora noutros casos ainda se mantenham alguns vestígios do ditongo primitivo. (Velo, 2013, p. 23)

Porém, há também um *au* secundário, com origem no latim vulgar, que também está na génese do ditongo *ou* português atual. A formação secundária do ditongo *au* tem diferentes origens:

- a) Há um grupo de palavras em que “*au* se formou por atracção de *u* da sílaba seguinte àquela em que se encontrava a vogal *a* (Maia, 1986, p. 552). Temos um exemplo na evolução de SAPUIT > *saube* > *soube* (Veloso, 2013, p. 30).
- b) De outra parte, há um *au* secundário que surge pela perda da vogal /i/ nas formas verbais de 3ª pessoa do pretérito perfeito em *-auit-*. Em português, estas formas, como indica Maia, “apresentam de modo regular o ditongo *ou*” (1986, p. 553). Temos exemplos deste ditongo nas formas verbais atuais *mandou* ou *acabou*.
- c) Há também uma origem de ditongo *au* secundário na “semivocalização de *l* quando seguido de *a* e evoluiu para *ou*, exs.: *altarĭu-* > *autarĭu-* > *outeiro*, *altĕru-* > *autro* > *outro*” (Veloso, 2013, p. 30). Este fenómeno da semivocalização do *l* pode ter a sua origem numa proximidade fonética entre os fonemas /l/ e /u/, dado que “o limite da consoante e da vogal é [...] impreciso” (Piel, 1932, p. 101).
- d) Uma outra origem do *au* secundário tem a ver com a síncope de consoante. Assim, temos exemplos formados pela queda do *d* intervocálico, que depois evoluíram para o ditongo *ou*: VADO > *vou* (Veloso, 2013, p. 30).
- e) Por último, “o ditongo *ou* pode ainda ter-se formado secundariamente pela vocalização de *k* ou *p* dos grupos *-KT-* ou *-PT-* quando precedidos de *o*” (Maia, 1986, p. 555). Temos um exemplo desta evolução na forma *doutor* (<DOCTOR).

O ditongo *ou* teve a sua génese quer no *au* latino (ou germânico primário), quer num *au* secundário com origem nas mudanças descritas. Quanto aos primeiros vestígios do ditongo nos textos galego-portugueses, é importante notar que nos documentos primitivos existem cinco formas de representação para este encontro vocálico: <ou>, <o>, <oc>, <au> e <u> (Boullón Agrelo & Monteagudo, 2009, p. 29). A representação do ditongo com as grafias <ou>, a solução que conhecemos na língua atual, está já presente no considerado como documento galego-português mais antigo dos quais se tem conhecimento: o chamado *Pacto entre Gomes Pais e Ramiro Pais* (c. 1174) (Souto Cabo, 2008, p. 255). Neste documento encontramos exemplos de formas como *dou* e *ou*: “**dou** uobis isto que seiades meo amico bono. et irmano bono / Et si pelagio soariz. **ou** menendo pelaiz. **ou** uelasco pelaiz. **ou** petro martiniz” (Souto Cabo, 2008, p. 255).

É importante, porém, ter em conta algumas questões sobre a datação do *Pacto* antes de podermos afirmar que se trata do primeiro caso conhecido de ocorrência da representação gráfica do ditongo como <ou> nos textos galego-portugueses. Sabemos que, durante anos, os documentos galego-portugueses considerados como mais antigos eram o *Testamento de Afonso II* (1214) e a *Notícia de Torto* (c.1213-1216) (Souto Cabo, 2014, p. 371). O achado do *Pacto* e o estabelecimento da sua possível datação na segunda metade do século XII fez com que estes dois documentos deixassem de ter o status de ‘mais antigos’. Não obstante, sabemos também que no citado documento não aparece de maneira explícita nenhuma data, pelo que isto pode fazer com que a sua datação seja objeto de debate. Porém, no pergaminho em que se encontra escrito o *Pacto* há outros elementos que servem para estabelecer o limite *ad quem* do texto:

Um dos documentos cujo limite *ad quem* foi estabelecido com maior precisão é o *Pacto entre Gomes Pais e Ramiro Pais* [...]. Trata-se de um contrato de paz e defesa recíproca – durante dois anos – a que chegaram dois irmãos, fidalgos minhotos da linhagem dos Silva [...]. Tudo leva a pensar que o pergaminho que serviu de suporte iria ser reaproveitado, uma vez finalizado o acordo, o que teria provocando o desaparecimento do *Pacto*. No entanto, o modo como veio a ser reutilizado foi a causa que possibilitou a sua sobrevivência. Com efeito, contrariando a prática habitual, o verso da pele (lado do pelo) serviu para nele lavar o texto de uma compra-venda efetuada em 15 de abril de 1175, o qual nos fornece o limite *ad quem*. Parece lícito pensar que só após ter expirado aquele prazo é que o pergaminho foi reutilizado, o que poderia colocar esse limite no mês de abril de 1173. Porém, datamos o texto c. 1174 ou, de qualquer modo, antes de 15 de abril de 1175, já que não sabemos se houve rutura prematura do compromisso. (Souto Cabo, 2014, p. 375)

Com estes dados podemos afirmar que há já no primeiro documento galego-português um vestígio do ditongo com a representação gráfica que conhecemos na atualidade. Contudo, isto não implica que esta seja a primeira atestação do ditongo num documento. Veloso (2013, p. 31), por exemplo, faz referência à análise de Piel que data já o ditongo no século X:

Numa análise crítica que Piel faz a um trabalho de Harri Meier, o A. supõe que para a cronologia da evolução de *au* para *ou* no Galego-português nós possamos recuar até ao séc. X: *MOURILI* (924) (*Portugaliae Monumenta Historica*, Dipl. 18); *LOUREIDO* (938) (*Portugaliae Monumenta Historica*, nº 28).

De outra parte, também o próprio Williams indica que “[e]xemplos de modificação [de *au*] para *ou* já são encontrados na primeira metade do século X” (1975, p. 43). Ainda, Menéndez Pidal (1950) refere escassas ocorrências do ditongo em textos romances do século XI.

Mas também na *Notícia de Torto*, outro dos documentos mais antigos conservados em galego-português, encontramos exemplos da representação gráfica do ditongo como <ou>. Porém, esta não é a única variante que se usa neste documento:

A vacilación na representación do ditongo [ou] xa se detecta nalgúns dos documentos galego-portugueses máis antigos. Dos redactados en territorio portugués, é o caso da ‘Noticia de torto’ (ca. 1212-1216), un escrito que presenta, neste punto coma noutros moitos, un amplo rango de variación: dunha banda *rogou, custov, mamou* pero doutra *mandoc e mado, deiso, desunro, filo* (todas elas P3 do pretérito perfecto); analogamente, *otro, otra* fronte a *oetra*, e tamén *otorgase e troserun*; e aínda *Laurenzo* (tres ocorrencias) dronte a *Lourenzo* (unha), e mais *Lauredo* por ‘Louredo’. (Boullón Agrelo & Monteagudo, 2009, p. 29)

Esta variação na representação do ditongo na época medieval explica-se pelo facto de que “os ditongos románicos, por seren innovacións fronte ó latín, representaron serios problemas para os escribas medievais que tiveron que grafalos e esixíronlles imaxinación e espírito de experimentación” (Mariño Paz, 1998, p. 95). No entanto, embora existam numerosos casos de oscilação na representação gráfica do ditongo, na coletânea de documentos anteriores a 1260 que recolhem estes autores, eles próprios afirmam: “o primeiro que temos que constatar é que, dentro da escassa extensión do texto de case todos eles, boa parte dos documentos primitivos [...] ofrecen consistentemente a solución <ou>” (Boullón Agrelo & Monteagudo, 2009, p. 29). Também Maia (1986, p. 547) indica: “trata-se de um ditongo muito frequente tanto nos documentos da zona portuguesa como galega” (Maia, 1986, p. 547). Não obstante, esta mesma autora também aponta para uma diferença entre os documentos primitivos portugueses e galegos: nos primeiros, a representação do ditongo como <ou> é claramente maioritária (há um alto grau de uniformidade na escolha de representação ortográfica), tanto nas sílabas tónicas como nas sílabas átonas. A situação nos documentos galegos é ligeiramente divergente: “nos textos da Galiza, embora *ou* seja o resultado mais frequente, há também algumas formas em que se conserva a etapa primitiva *au* e outras em que o ditongo aparece monotongado em *o*” (Maia, 1986, p. 558). Esta questão parece apontar quer para uma tendência maior à conservação das formas primitivas (*au*) no nível da fala na Galiza, quer para uma maior presença de arcaísmos gráficos nos textos galegos:

Relativamente às formas apontadas, põe-se o problema de saber se a língua falada na Galiza conservava ainda vestígios do antigo ditongo ou se, pelo contrário, estamos apenas em presença de arcaísmos gráficos. É interessante observar que ainda no século XIII os moçárabes mantinham a forma primitiva

do ditongo que, dois séculos antes, vivia também no território correspondente a Portugal, Galiza e ocidente de Leão. A evolução do ditongo em *ou* por assimilação dos dois elementos acabou por consumir-se nestas regiões, mas nalgumas zonas particularmente conservadoras mantiveram-se vestígios deste estado linguístico arcaico [...]. No que refere à Galiza, foi também já assinalada a ocorrência de *au* nalgumas zonas especialmente arcaizantes. Assim acontece no galego-leonês de Ancares e no Vale de Verín, sendo muito provável que o mesmo ditongo venha a ser registado noutras regiões galegas. (Maia, 1986, pp. 549–550)

Portanto, vemos que parece existir uma tendência para um maior grau de inovação nos dialetos do Sul. Esta maior inovação também é evidente num dos dois processos de variação aos que esteve e está sujeito o ditongo *ou*: a monotongação. Como indica Martins, este processo de monotongação deste e outros ditongos foi resultado de uma inovação do Sul e, no caso da monotongação do ditongo *ou*, chegou a integrar na atualidade a língua padrão:

Na Península Ibérica, a conservação dos ditongos [ow] e [ej] caracterizava o galego, o português e o leonês ocidental face às restantes línguas ibéricas. No decurso da história do português ocorreu a monotongação dos ditongos [ow], [ej] e [uj] [...], o que corresponde sempre a uma inovação do Sul, com maior ou menor força expansiva, e originou variação dialetal no território português. O diferente traçado das isófonas que separam, em cada um dos casos, a área de monotongação da área de conservação do ditongo explica que a monotongação de [ej] seja um fenómeno dialetal, meridional, enquanto a redução de [ow] a [o] e de [uj] a [u] integram a língua padrão. (Martins, 2016, pp. 10–11)

Quanto à datação do processo de monotongação, parece ser que não há um consenso entre os diferentes autores. Cintra aponta para uma datação entre os séculos XIII e XIV:

O foco ocidental de monotongação, como no-lo faz ver claramente a actual distribuição geográfica, estava situado no sul do que, a partir dos sécs. XII-XIII, veio a ser o território português [...]. Faltam-nos por enquanto dados sobre a cronologia dessa expansão – que, talvez iniciada durante os sécs. XIII-XIV, certamente se acentuou quando, em fins deste último século e na primeira parte do seguinte, a população do Sul do país, sobretudo do Alentejo, adquiriu papel preponderante nos exércitos e na corte de D. João I. (Cintra, 1983b, p. 48)

Porém, outros autores como Williams (1975) apontam para uma data posterior: aproximadamente, o começo da monotongação dataria do século XVI. Uma tendência similar é seguida por Raposo et al. (2013), que situam o começo da monotongação na época do Português Clássico:

No território continental, o mapa dialetal português da época clássica pouco difere do atual [...]. Concluídas, ou residuais, as grandes mudanças do Português

Médio, ainda se mantêm na área inicial da língua, mas agora como marcas dialetais, certos traços antigos como os ditongos [ow] e [ej] [...]. No Centro e Sul, estes traços tinham resistido durante o Português Médio, mas, entrados na época clássica, sofrem mudança: [...] [ow] monotonga para [o] [...] e [ej] monotonga para [e]. (2013, p. 12)

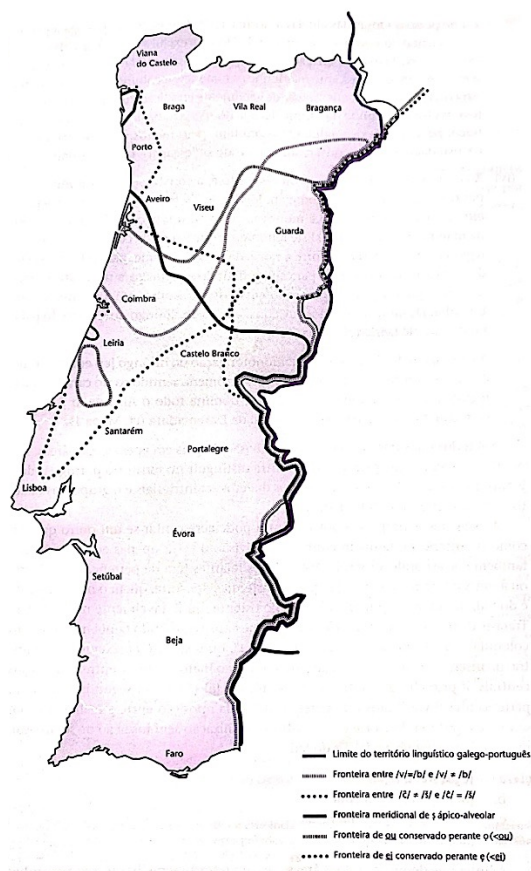
De outra parte, o outro fenómeno de variação estudado (a alternância entre os ditongos *ou* e *oi*) parece ser mais antigo. Como indica Hricsina (2013, p. 216): “é interessante verificar que já no Português Antigo podemos encontrar várias oscilações dos ditongos /oj/ e /ow/ numa palavra”. Porém, esta variação, embora esteja atestada já no Português Antigo, nessa época tinha um âmbito muito limitado e a sua expansão posterior produziu-se através do léxico, talvez por dissimilação ou analogia (Martins, 2016, p. 11). Quanto às causas da variação, Maia (1986, p. 553) aponta para uma origem na fala popular: “[n]ada sabemos sobre a situação sociolinguística e vitalidade do fenómeno *ou* > *oi* em antigo galego-português, embora tudo leve a crer que inicialmente tenha começado por ser um facto próprio da linguagem de falantes do nível popular”.

Tendo em conta o referido até agora sobre as origens e a evolução do ditongo, podemos passar a comentar, a seguir, a situação atual no âmbito português e no âmbito brasileiro.

## 4. O ditongo ou no português atual

### 4.1. O ditongo ou em Portugal

A distribuição que apresenta o ditongo ou em Portugal tem sido analisada em diversos estudos, fundamentalmente a causa da importância que tem na divisão e/ou caracterização dos dialetos portugueses. Sabemos que Cintra (1971, p. 89) utiliza “a conservação do ditongo /ou/, nas suas diversas realizações possíveis” como uma maneira de diferenciar os dialetos portugueses do Norte e do Sul. Assim, indica o autor que este é precisamente um dos traços “que, sem hesitação ou quase sem ela, um português do Sul (ou um falante da língua-padrão que nestes casos acompanha os dialectos centro-meridionais) reconhecerá como característicos de um português do Norte” (Cintra, 1971, p. 88). Como vemos no seguinte mapa, a oposição entre a conservação do ditongo e a monotongação constitui uma das isófonas dialetais que dividem os dialetos setentrionais e os centro-meridionais do português europeu:



Mapa 1. Isófonas dialetais do português europeu (Raposo et al., 2013, p. 91)

Porém, é preciso pontualizar que a situação que apresenta o ditongo no português europeu vai além da oposição entre monotongação e conservação. Para podermos comprovar qual é esta situação podemos utilizar os dados sobre as diferentes variantes do ditongo que oferece o ALPI<sup>1</sup>.

Entre os materiais publicados do atlas, apenas é possível encontrar ocorrências do ditongo *ou* em duas das formas registadas nos questionários: as vozes equivalentes ao espanhol<sup>2</sup> *coz* (*coice*) e *cuero* (*couro*). Com a consulta destas formas nos materiais publicados do ALPI já é possível observar uma série de fenómenos e a sua distribuição pelo território português. Na seguinte tabela podemos encontrar os dados relativos às diferentes variantes registadas em cada uma das áreas (para *coice*, *coice* e *couce*, e para *couro*, *couro* e *coiro*), além da indicação da realização do ditongo (i.e., se este se mantém ou se pelo contrário monotonga):

Área	Lema			
	coice		couro	
	Variante	Realizações	Variante	Realizações
Viana do Castelo	couce	ditongada	couro	ditongada
			coiro	ditongada
Braga	couce	ditongada	couro	ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Porto	couce	ditongada	couro	ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Vila Real	couce	ditongada	coiro	ditongada
Bragança	couce	ditongada	couro	ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Guarda	couce	ditongada	couro	ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Viseu	couce	ditongada	couro	monotongada e ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Aveiro	couce	ditongada	couro	ditongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Coimbra			couro	monotongada
	coice	ditongada	coiro	ditongada
Castelo Branco	coice	monotongada e ditongada	couro	monotongada

<sup>1</sup> O ALPI é um projeto que teve a sua origem nos anos vinte e trinta do século XX, sob a coordenação de Ramón Menéndez Pidal e Tomás Navarro Tomás. O objetivo principal do projeto era o de estudar as variedades romances existentes na Península Ibérica por meio da elaboração de questionários cujas respostas seriam depois organizadas em mapas. Atualmente, o projeto continua a se desenvolver.

<sup>2</sup> Nos questionários do ALPI a língua de partida para o registo das variantes é o espanhol. Por isso, é precisamente o lema espanhol o que pode ser objeto de consulta da base de dados. A partir desse lema é que se podem encontrar as diferentes realizações registadas em cada área dialetal.

			coiro	ditongada
Leiria	couce	ditongada	coiro	ditongada
	coice	ditongada		
Santarém	coice	monotongada e ditongada	coiro	ditongada
Portalegre	coice	monotongada e ditongada	couro	monotongada
			coiro	ditongada
Lisboa	coice	ditongada	coiro	ditongada
Setúbal	coice	monotongada e ditongada	coiro	ditongada
Évora	coice	monotongada	couro	monotongada
			coiro	ditongada
Beja	coice	monotongada	coiro	ditongada
Faro	coice	monotongada e ditongada	couro	monotongada
			coiro	ditongada

Tabela 1: distribuição geográfica das diferentes variantes e realizações das formas *coice* e *couro* em Portugal. Elaboração própria a partir dos dados do ALPI.

Como vemos, os fenómenos de variação observados são, de uma parte, a alternância entre os ditongos *ou* e *oi*, em dois lemas cujo padrão está estabelecido na forma com *oi* e *ou* respetivamente. De outra parte, também é possível observar os processos de mantimento da variante ditongada, da alternância entre monotongação e ditongação e da ocorrência da monotongação.

Quanto à alternância entre *ou* e *oi*, vemos que esta parece estar determinada por fatores geográficos: os dialetos do Norte apresentam uma maior ocorrência do ditongo *ou*, enquanto os do centro-sul apresentam com maior frequência a forma com *oi*. Não obstante, no Norte há uma maior tendência a alternar entre as duas variantes, seja qual for a normativa. Talvez esta presença da variante com *oi* tem a ver com fatores etimológicos:

Creio que não há nenhum falar português em que o ditongo [oi] não exista, a par de [ou] ou do [o] proveniente da sua monotongação, pelo menos em algumas palavras em que o *i* é etimológico (atraído da sílaba seguinte, como em *coiro*, ou proveniente da vocalização da consoante *c* no grupo *ct* como em *noite*). (Cintra, 1983a, p. 44)

No Sul, a presença do ditongo *oi*, sendo este ou não a forma padrão, é exclusiva em algumas regiões, como é o caso de Lisboa. Aliás, a ocorrência da monotongação também é mais frequente nos dialetos do centrais e meridionais. É frequente a alternância entre a variante monotongada e ditongada para a forma *coice*. A forma *couro* apresenta alternâncias entre a monotongação e a variante com *oi* em áreas como a de Castelo Branco, Portalegre, Évora e Faro. Assim, podemos observar que há áreas que

alternam entre a monotongação e a ditongação quando a forma padrão tem o ditongo *oi*. Porém, quando a forma padrão é aquela que apresenta o ditongo *ou*, os dialetos centrais e meridionais não apresentam realizações com conservação do ditongo. O que acontece é a presença da variante com *oi* e a alternância desta variante com a monotongada. A área de Viseu conserva, para o caso do lema *couro*, a variante monotongada e ditongada, além de apresentar também a variante com *oi*: ['kow.ru], ['koj.u] e ['ko.ru]. Poder-se-ia falar, então, de uma área de transição entre as características dos dialetos do Norte e do centro do país que vai além das fronteiras marcadas pela isófona dialetal correspondente do mapa 1.

Estes dados do ALPI, apesar de revelarem algumas tendências, não resultam suficientemente esclarecedores, por serem apenas amostras de duas vozes do atlas. Porém, na base de dados do projeto, cuja consulta em aberto não é ainda possível<sup>3</sup>, há outras formas que também podem ser objeto de análise. Para podermos analisar estes dados, uma primeira seleção de vozes objeto de estudo deve ser realizada. Para isso, o primeiro passo é estabelecer uma metodologia de seleção desses lemas do ALPI que podem ser alvo de análise. Nos questionários disponibilizados<sup>4</sup> no site do projeto podemos ver todas as perguntas que foram realizadas nos inquéritos. Estas perguntas podem ser relativas a formas simples ou a frases complexas. Nos materiais, quer nas formas simples ou nas frases, há bastantes casos em que pode aparecer o ditongo *ou*. Por isso, para o presente estudo decidiu-se escolher quatro formas e analisar a sua distribuição da mesma forma em que se analisaram os dois casos anteriores. Esta análise virá a complementar as tendências observadas com as vozes *coice* e *couro*. Contudo, a seleção das outras vozes não é aleatória, mas responde a critérios de frequência. Assim, as formas foram selecionadas a partir de uma listagem obtida no corpus Sketch Engine<sup>5</sup>. Com uma busca simples no corpus de todos os lemas que em português contêm o ditongo *ou* foi obtida a seguinte listagem de 40 lemas mais frequentes nos textos que inclui o corpus:

---

<sup>3</sup> O acesso aos dados não publicados na base de dados do ALPI foi possível graças à disponibilização dos mesmos por parte da equipa do projeto, nomeadamente, o professor da Universidade de Santiago de Compostela, Xulio Sousa Fernández, e a investigadora do Instituto da Língua Galega, Clara Lago Caamaño.

<sup>4</sup> Ver: <http://www.alpi.csic.es/es/alpi/el-cuestionario>

<sup>5</sup> Sketch Engine é uma ferramenta que contém corpora de bilhões de palavras em diferentes línguas: no total, possui cerca de 500 corpora em mais de 90 línguas diferentes. O corpus do português contém textos procedentes da web, está anotado e etiquetado e oferece numerosas possibilidades de busca. É possível aceder na seguinte ligação: <https://www.sketchengine.eu>.

Lema	Freq. Absoluta	Lema	Freq. Absoluta
ou	2637654	moura	12293
outro	1532035	roubo	11982
pouco	443051	ouvido	10308
ouvir	161061	gouveio	9973
sousa	60274	roupeiro	9601
dourar	58686	ousar	9431
roupa	38386	couto	9224
ouro	33429	doutorar	9167
mouro	30581	loureiro	9101
doutor	28812	loucura	8862
roubar	27697	vouga	8581
poupar	27594	outrora	8576
outubro	23085	duradouro	7305
doutoramento	22975	louro	7294
doutrina	16877	louvar	7039
lourenço	16213	repouso	7011
tesouro	14546	touro	6770
lourar	14390	arouca	6400
loulé	13654	lousã	6241
louco	12672	pousar	6236

Tabela 2: listagem de 40 lemas mais frequentes com o ditongo *ou* em português.

Elaboração própria a partir de dados de Sketch Engine.

Após obter esta listagem, o seguinte passo foi comprovar quais destes lemas estão também na base de dados do ALPI. Para isso, apenas foi analisada a listagem de formas simples das perguntas do questionário. Nesta parte do questionário aparecem as seguintes vozes da listagem anterior: *pouco*, *mouro*, *ouvido* e *touro*. Com estes quatro lemas, podemos levar a cabo um procedimento similar ao anterior.

Assim, podemos dividir os lemas em dois grupos principais: aquelas formas que apresentam apenas a conservação do ditongo ou a monotongação, e aquelas que, além de apresentar a variante ditongada e a monotongada, também apresentam a alternativa com o ditongo *oi*. No primeiro grupo temos então o lema *pouco*, cuja distribuição geográfica pode ser observada na tabela a seguir:

Área	Realização
Viana do Castelo	ditongada
Braga	ditongada
Porto	ditongada
Vila Real	ditongada
Bragança	monotongada e ditongada
Guarda	monotongada e ditongada
Viseu	monotongada e ditongada
Aveiro	monotongada e ditongada
Coimbra	monotongada e ditongada
Castelo Branco	monotongada
Leiria	monotongada e ditongada
Santarém	monotongada
Portalegre	monotongada
Lisboa	monotongada e ditongada
Setúbal	monotongada
Évora	monotongada
Beja	monotongada
Faro	monotongada

Tabela 3: distribuição geográfica das realizações ditongada e monotongada da voz *pouco*. Elaboração própria a partir dos dados do ALPI.

Como podemos observar na tabela, neste caso os dados do ALPI mostram uns resultados esperáveis quanto à sua distribuição dialetal. A conservação do ditongo é clara nas regiões do Norte e a monotongação é própria dos dialetos setentrionais. Há uma série de áreas, não obstante, que conservam também a forma ditongada, ainda que apresentem como escolha maioritária a monotongação: Bragança, Guarda, Viseu, Aveiro, Coimbra, Leiria e Lisboa. Poder-se-ia dizer que estes dados apontam para a existência de uma área de transição entre ambas variantes. Isto não é estranho, pois remete para a ideia de *continuum dialetal* (Penny, 2004) apresentada no capítulo teórico do presente trabalho. Assim, vemos que os dados de língua real recolhidos no atlas evidenciam o facto de que as fronteiras entre os dialetos (e entre as línguas) não são sempre claras, mas são normalmente difusas.

Quanto ao segundo grupo de formas analisadas no trabalho (i.e., aquelas que apresentam variante monotongada mas também convivência da variante com o ditongo

oi), os dados do ALPI também evidenciam uma série de tendências cuja distribuição parece depender fundamentalmente de fatores geográficos. No caso das vozes *mouro*, *ouvido* e *touro* podemos comprovar ainda uma maior frequência da monotongação do [ow] nos dialetos do Sul, onde também é comum que apareça a variante com o ditongo *oi*. Há, aliás, uma tendência que parece estar determinada por fatores linguísticos e não extralinguísticos: a baixa frequência da variação *oi-ou* em sílaba átona. Como se pode observar na tabela seguinte, apenas se documenta no ALPI uma ocorrência da forma *oivido* ([oj'vi.ðu]), na região de Bragança:

Área	Lema					
	mouro		ouvido		touro	
	Variante	Realizações	Variante	Realizações	Variante	Realizações
Viana do Castelo	mouro	ditongada	ouvido	ditongada	touro	ditongada
Braga	mouro	ditongada	ouvido	ditongada	touro	ditongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Porto	mouro	ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	ditongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Vila Real	mouro	ditongada	ouvido	ditongada	touro	ditongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Bragança	mouro	ditongada	ouvido	ditongada	touro	ditongada
	moiro	ditongada	oivido	ditongada	toiro	ditongada
Guarda	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	monotongada e ditongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Viseu	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Aveiro	mouro	ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	ditongada
		ditongada			toiro	ditongada
Coimbra	mouro	monotongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Castelo Branco	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	monotongada
Leiria	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada e ditongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Santarém	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Portalegre	mouro	monotongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Lisboa	mouro	monotongada e ditongada	ouvido	monotongada	toiro	ditongada
	moiro	ditongada				
Setúbal	moiro	ditongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
					toiro	ditongada

Évora	mouro	monotongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			touro	monotongada
Beja	mouro	monotongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada
Faro	mouro	monotongada	ouvido	monotongada	touro	monotongada
	moiro	ditongada			toiro	ditongada

Tabela 4: distribuição geográfica das diferentes variantes e realizações das formas *mouro*, *ouvido* e *touro* em Portugal. Elaboração própria a partir dos dados do ALPI.

Contudo, a presença da forma com a variante *oi* em *ouvido* teria de ser verificada em estudos posteriores com uma análise de mais dados procedentes da língua real, com o objetivo de comprovar se realmente há ocorrências desta variante em formas similares onde o ditongo não se situa na sílaba tónica. De outra parte, quanto à variação entre monotongação e ditongação da forma com *ou* nesta voz do ALPI, uma outra vez comprovamos que se trata de variantes determinadas pelo fator geográfico. Aliás, a alternância entre a monotongação e a ditongação nalguns dialetos do centro-norte de Portugal evidencia a possível existência de uma área de transição onde os falantes hesitam entre uma e outra variante na sua fala quotidiana. Não obstante, é preciso pontualizar que nas áreas centrais em que há variação, a forma com *oi* é predominante. Estes dados viriam a confirmar, então, a hipótese de Cintra:

Desde já posso indicar, embora de uma maneira vaga, qual a região em que me parece registar-se o domínio de [oi] ou, para falar mais exactamente, em que são numerosas as zonas em que [oi] é particularmente abundante: essa região é o centro de Portugal, a zona de entre Douro e Tejo, isto é, a zona que tem sido atravessada durante os últimos séculos, na direcção este-oeste, e segundo paralelos cada vez mais altos, pela fronteira da monotongação de [ou], hoje já vizinha da linha do Douro. Em contraste com esta zona central, a maior parte do norte de Portugal (parecem exceptuar-se algumas partes de Trás-os-Montes) e a Galiza conservam o ditongo [ou] [...]. Ao sul do Tejo predomina a monotongação em [o], embora não sejam raras formas isoladas em [oi]. (1983a, p. 45)

O caso das formas *touro* e *mouro* mostram uma tendência similar à observada para o caso de *couro*: no Norte, o mantimento do ditongo *ou* é frequente, mas também há casos de alternância com o ditongo *oi*. No Centro e Sul o comum é que haja uma alternância entre as formas monotongadas e as formas com o ditongo *ou*. Mantém-se, não obstante, a ditongação de *ou* em alguns casos em dialetos do Centro e Sul na forma *mouro*, enquanto em *touro* a tendência geral é a da convivência exclusiva entre as formas monotongadas e as formas com *oi*.

Tendo em conta o referido até agora, podemos concluir que os dados analisados evidenciam a presença de três variantes para o ditongo *ou* em Portugal: a primeira é a do mantimento do ditongo, a segunda é a da monotongação e a terceira é a alternância com o ditongo *oi*. A distribuição destas variantes depende, fundamentalmente, de fatores geográficos, sendo a monotongação e a aparição do *oi* mais frequentes nos dialetos centro-meridionais. Há, no entanto, uma área que poderia ser definida como ‘de transição’, pelo que parece que estamos perante uma manifestação clara de um *continuum dialetal*, onde as fronteiras entre as variedades não são nítidas. Por último, também foi possível comprovar que as formas com *oi*, embora serem mais frequentes no Sul, têm uma notável vitalidade também em dialetos do Norte, fundamentalmente quando o aparecimento do *i* responde a razões etimológicas.

#### 4.2. O ditongo *ou* no Brasil

Paralelamente com a situação observada para o caso do português europeu, no português do Brasil também há fenómenos relacionados com o ditongo *ou* cujo estudo resulta especialmente interessante. Para além da variação entre *ou* e *oi*, talvez o processo que mais interesse tem criado nos estudos linguísticos dos últimos anos é o da monotongação:

O estudo da monotongação dos ditongos orais tônicos /aj/, /ej/ e /ow/ na descrição do português falado no Brasil tem sido feito por pesquisadores usando *corpora* de diferentes regiões do país, com bases teóricas que vão desde a gramática tradicional, ao es- truturalismo, à fonologia de uso, à geometria dos traços, à fonologia probabilística até a teoria da otimalidade connexionista. Tais trabalhos têm enfoques dialetais e sociolinguísticos, com controle de variáveis linguísticas e diatópicas, diastráticas, diageracionais, diassexuais e socio-culturais. (Aragão, 2012, p. 81)

Por este motivo, na presente epígrafe tencionamos apresentar um breve estudo com o foco na monotongação, com base nas investigações realizadas nos últimos anos, com o objetivo de clarificar se é um processo de variação dependente essencialmente de fatores geográficos, sociais e/ou situacionais.

Tendo em conta o anterior, a primeira questão que se deve verificar é se a monotongação pode ter ou não uma motivação geográfica, tal como acontecia no caso do português europeu. Para isso, podemos analisar os resultados de uma série de estudos que têm como foco este fenómeno linguístico em diferentes áreas do Brasil. Assim, foram analisados seis estudos de caso focalizados em seis regiões diferentes do

Brasil, com o fim de ver se nestes estudos a variante ditongada ou a monotongada é maioritária. As regiões analisadas nos estudos foram as seguintes: Nordeste (Aragão, 2012), Pará (Lopes, 2002), Pernambuco (Carvalho, 2007), Santa Catarina (Cristofolini, 2011), Minas Gerais (Freitas, 2017) e a Região Sul (Silveira, 2019). Os resultados destes estudos apontam para uma tendência clara ao uso maioritário da variante monotongada, independentemente da área geográfica, como podemos ver na tabela a seguir:

Região	Realização maioritária	
	Ditongada	Monotongada
Nordeste <sup>6</sup>	X	X
Pará		X
Pernambuco		X
Santa Catarina		X
Minas Gerais		X
Região Sul		X

Tabela 5: ditongação e monotongação do ditongo *ou* em diferentes regiões do Brasil. Elaboração própria.

Parece, então, que o processo de monotongação do ditongo *ou* não depende de fatores estritamente geográficos. Estes dados viriam a confirmar a tese de Aragão, quem aponta que “a hipótese de variante regional ou estadual está totalmente descartada uma vez que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país” (Aragão, 2014, p. 2100). Esta autora realizou uma pesquisa sobre os processos de monotongação e ditongação em capitais brasileiras e concluiu, de uma parte, que os fatores geográficos não são relevantes neste caso. Por outro lado, a investigação de Aragão (2014, p. 2100) levou-a a notar a importância de fatores de tipo social:

Nossa pesquisa não confirmou a hipótese de que a ditongação e monotongação seriam marcas de variantes sociais quanto à faixa etária e ao sexo. Confirmou-se, parcialmente, quanto à variante registro de fala, uma vez que se por um lado a escolaridade teve pequena importância, por outro, o registro de fala foi decisivo, ou seja, o registro coloquial, informal, e familiar foi o que mais favoreceu.

---

<sup>6</sup> No caso da região Nordeste, o estudo analisado mostrou uma distribuição equitativa da ditongação e monotongação. Ambas variantes obtiveram uma frequência de 50% nos inquéritos realizados por Aragão (2012).

Além dos fatores extralinguísticos, também esta autora aponta outros fatores de tipo linguístico que, embora não sejam objeto de análise no presente estudo, é também importante que sejam mencionados. Entre os fatores linguísticos que fomentam a monotongação, a autora destaca a presença do arquifonema /R/ na sílaba seguinte (*touro, couro*) e também indica que um maior número de sílabas na palavra propicia este fenómeno (Aragão, 2014, p. 2098). Paralelamente, também Carvalho (2007, p. 87) analisa os fatores linguísticos e conclui que há aspetos relativos ao contexto fonológico seguinte e a tonicidade que propiciam a monotongação: o tepe e as palatais no primeiro caso, e a posição do ditongo em sílaba tónica no segundo (2007, p. 87).

De outra parte, os estudos analisados também apontam para uma maior importância dos fatores extralinguísticos relativos à variação situacional. Assim, parece ser que no Brasil o comum é que a monotongação aconteça quando o intercâmbio comunicativo se produz dentro de um contexto coloquial e não formal. Neste ponto, surge a hipótese de uma possível diferença entre o caso português e brasileiro. Como dizíamos na epígrafe anterior, a monotongação do *ou* é um fenómeno que já integra a língua padrão (Martins, 2016, p. 11). Por isso, podemos pensar que o processo de monotongação poderia ser próprio em Portugal quanto os falantes se encontram num contexto situacional mais formal. Esta hipótese não é aleatória, mas está fundamentada na associação comum que os falantes fazem entre a variedade padrão de uma língua e o maior grau de formalidade ou até de correção linguística: “the standard is associated with education and sophistication” (Schilling-Estes, 2006, p. 312). Como sabemos, esta associação do padrão com o patamar mais ‘culto’ da língua cria preconceitos contra as variedades não-padrão, que são consideradas, por oposição, como menos formais e imperfeitas:

[S]e considera que esa lengua estándar [...] es la lengua completa, la lengua correcta, la lengua adecuada y la lengua culta, y que todas las demás formas habladas, los dialectos, son variaciones más o menos incompletas, imperfectas y vulgares de esa lengua completa, la lengua estándar. (Moreno Cabrera, 2015, p. 63)

É preciso pontualizar, porém, que estes preconceitos, embora sejam comuns e estejam muito estendidos na população, carecem de qualquer sustento científico: “all varieties of language — including those quite far removed from ‘standard’ [...]— are equally complex, regularly patterned, and capable of serving as vehicles for the expression of any message their speakers might wish to communicate” (Schilling-Estes,

2006, p. 312). Portanto, a realidade é que a linguagem falada, coloquial, é igualmente correta e tem também uma estrutura dependente de diferentes regras de organização que podem ter um alto grau de complexidade:

Although conversation is often thought to be unstructured, ungrammatical and slovenly (presumably when judged against the norms of writing or formal speech), its complex organizational principles are quite different from those of planned spoken or written discourse; it is not simply spoken prose. (Milroy, 1998, p. 101)

Contudo, como estes preconceitos são frequentes na sociedade, é possível que determinem o comportamento comunicativo dos falantes. Portanto, a hipótese que se extrai desta argumentação é que o português europeu e o português brasileiro diferem neste caso na conceção do grau de formalidade e informalidade deste fenómeno linguístico. O primeiro conceberia a monotongação do *ou* como um processo próprio do âmbito formal da linguagem, por estar integrado na língua padrão e estar também mais localizado nas áreas centrais e meridionais do país. O segundo, não obstante, estaria a associar a monotongação com a linguagem coloquial, talvez por ser mais comum nestes contextos e até por causa de ser a forma ditongada a que se mantém na escrita. Seria interessante comprovarmos estas hipóteses com um estudo empírico que permita estabelecer conclusões taxativas a este respeito. Por este motivo, a seguir apresentamos um breve estudo das produções orais de falantes brasileiros e portugueses num contexto que entendemos como formal, para que possa servir como modelo para estudos posteriores mais amplos.

### **4.3. Aspectos sociolinguísticos: análise da variedade formal**

Com base na listagem de lemas mais frequentes apresentada na tabela 2, é possível realizar uma série de pesquisas numa ferramenta eletrónica que pode servir como base de dados orais para a análise da variedade formal: o dicionário eletrónico de pronúncia *Forvo* (Vela, 2020). Trata-se de um grande projeto multilingue que tenciona oferecer uma guia de pronúncia de milhões de palavras em mais de 40 línguas diferentes. É aliás, um projeto colaborativo: as gravações que servem como modelo de pronúncia estão feitas por usuários nativos, procedentes de diferentes lugares do mundo. O acesso ao dicionário é livre e gratuito, e também a colaboração na gravação palavras. A utilidade desta ferramenta vai além da aprendizagem de línguas estrangeiras, e é que serve como base de dados orais de produções não espontâneas feitas por falantes nativos. Os

falantes, ao tentarem reproduzir um modelo de pronúncia, vão escolher aquela variedade que considerem mais adequada para servir como guia às pessoas que estão a aprender uma língua estrangeira. Entendemos, portanto, que este tipo de produções não espontâneas e com um objetivo tão claro e direto podem ser uma boa amostra do registo formal ou, pelo menos, daquilo que os falantes interpretam como uma variedade que pode servir de modelo linguístico.

Para além do anterior, o dicionário oferece uma série de dados dos falantes que realizam as gravações que podem ser de utilidade: nomeadamente, o seu sexo e o seu país de origem. Isto é importante para o nosso trabalho porque, desta forma, podemos avaliar as diferenças que existem na pronúncia das palavras analisadas por parte em função de se o falante é português ou brasileiro. Também podemos ter em conta a variável sexo mas, pelas conclusões extraídas nos estudos analisados na epígrafe anterior, parece que esta não constitui um fator determinante para a maior ou menor ocorrência da monotongação do *ou*.

Portanto, a partir da já referida listagem de lemas mais frequentes com o ditongo *ou*, encontramos no *Forvo* um total de seis palavras de essa listagem que incluem gravações realizadas por falantes brasileiros e portugueses<sup>7</sup>: *ouvir*, *poupar*, *roubar*, *louco*, *touro* e *ouvido*. Na seguinte tabela podemos observar qual é a realização (monotongada ou ditongada) que os diferentes falantes fazem do ditongo em cada uma destas palavras:

Forma	Falante		Realização
	Sexo	País	
ouvir	homem	Brasil	ditongada
	mulher	Brasil	ditongada
	homem	Portugal	ditongada
	homem	Portugal	ditongada
poupar	homem	Brasil	ditongada
	homem	Portugal	monotongada
roubar	homem	Brasil	ditongada
	mulher	Brasil	ditongada

<sup>7</sup> A maior parte de palavras incluídas no dicionário apenas tem gravações realizadas por falantes brasileiros.

	homem	Portugal	ditongada <sup>8</sup>
<b>louco</b>	homem	Brasil	ditongada
	homem	Brasil	monotongada
	mulher	Brasil	ditongada
	mulher	Brasil	ditongada
	homem	Portugal	monotongada
<b>touro</b>	mulher	Brasil	ditongada
	mulher	Portugal	monotongada
<b>ouvido</b>	homem	Brasil	ditongada
	homem	Brasil	ditongada
	homem	Brasil	ditongada
	mulher	Brasil	ditongada
	homem	Portugal	monotongada
	homem	Portugal	monotongada

Tabela 6: distribuição da monotongação e ditongação na pronúncia de seis palavras do dicionário *Forvo*. Elaboração própria.

Como vemos na tabela, os falantes brasileiros mantêm a variante ditongada em todos os casos nas formas *ouvir*, *poupar*, *roubar*, *touro* e *ouvido*. Apenas há um caso de monotongação num falante brasileiro na forma *louco*. Desta forma, a ditongação não parece depender do fator do sexo e é claramente majoritária no caso dos falantes brasileiros, como podemos ver no gráfico a seguir:

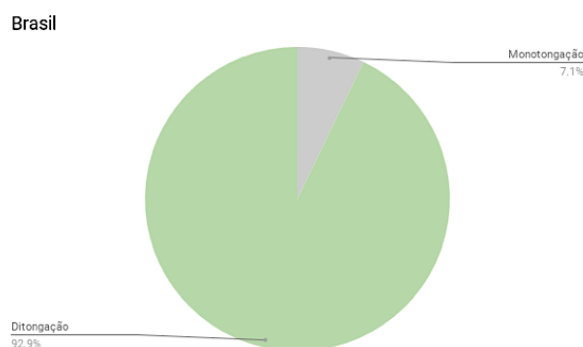


Gráfico 1: distribuição da monotongação e ditongação por parte dos falantes brasileiros. Elaboração própria a partir de dados do dicionário *Forvo*.

Quanto aos falantes portugueses, embora a monotongação seja majoritária, os dados mostram um maior grau de variação. Talvez aqui a discrepância venha da forma

<sup>8</sup> Neste caso, o falante também pronuncia o /r/ como alveolar. Isto pode apontar para uma possível procedência do Norte de Portugal, que poderia propiciar o mantimento do ditongo.

*ouvir*, onde o caráter átono da sílaba pode propiciar o mantimento da ditongação. Note-se, não obstante, que a monotongação sim é maioritária (para os falantes portugueses) no caso do substantivo *ouvido*. Uma possível explicação para esta divergência poderia estar no fator linguístico (Aragão, 2014) do número de sílabas que já foi referido anteriormente: as palavras com maior número de sílabas parecem ser mais proclives à monotongação. Em qualquer caso, os resultados gerais mostram uma tendência maioritária à monotongação (mais de 60% de casos) por parte dos falantes portugueses:

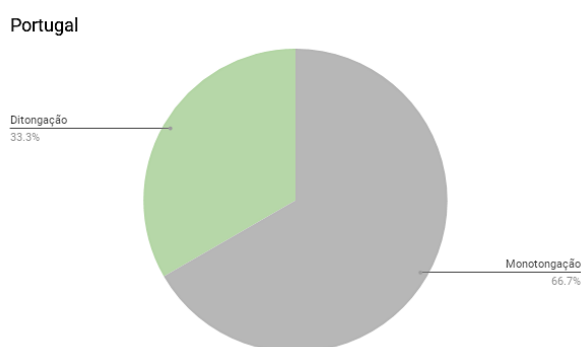


Gráfico 2: distribuição da monotongação e ditongação por parte dos falantes portugueses. Elaboração própria a partir de dados do dicionário *Forvo*.

Com todos estes dados, podemos afirmar que os resultados parecem confirmar a hipótese de partida: a distribuição das variantes ditongada e monotongada do ditongo *ou* difere, em Portugal e no Brasil, em função de fatores situacionais. Para os brasileiros, a variante considerada como mais formal é a ditongada, enquanto os portugueses consideram como mais formal a monotongação. Estes dados permitem estabelecer contrastes entre estas duas variedades geográficas do português, mas também manifestam uma outra questão: a paradoxal situação do Brasil. Os estudos realizados nos últimos anos indicam que a monotongação é maioritária em todas as áreas geográficas do país. Porém, os falantes continuam a pensar que este processo (considerado como culto no português europeu) é próprio de uma linguagem coloquial. Por isso, nas tentativas de produzir uma fala que possa servir como modelo de aprendizagem, estes falantes optam pela variante que consideram mais culta, embora não seja a maioritária na fala quotidiana.

Não obstante, é preciso dizer que estes dados são apenas uma pequena mostra e que podem revelar tendências ou contribuir para confirmar hipóteses já apresentadas em estudos anteriores, mas não podem ser tomados como conclusões taxativas sobre o

assunto. Seria preciso realizar estudos futuros de maior envergadura, com dados procedentes de diferentes registos de fala, para podermos estabelecer com maior seguridade este tipo de conclusões.

## Conclusões

No estudo realizado no presente trabalho pudemos elaborar uma descrição geral dos aspetos mais importantes atinentes às origens e o percurso histórico que seguiu o ditongo *ou*, proveniente do *au* latino, em português. Foi possível verificar a existência de algumas divergências da bibliografia teórica sobre a matéria, nomeadamente no referente à datação dos diferentes processos de variação (veja-se, por exemplo, o caso das primeiras atestações da monotongação). Estas divergências põem de manifesto uma característica que é comum a muitos estudos de carácter diacrónico: a dificuldade que entranha o estudo da língua sob uma perspectiva histórica, derivada fundamentalmente de problemas relativos à datação dos documentos antigos.

Por outro lado, também foi possível apresentar uma descrição da situação geral do ditongo no português atual europeu e brasileiro. As conclusões tiradas da análise dessas variedades geográficas foram, principalmente:

- a) Em concordância com Cintra (1971), os dados do ALPI mostram uma distribuição da monotongação e ditongação que confirma que a conservação do ditongo é uma característica própria dos dialetos do Norte. Trata-se, portanto, de uma característica que marca uma fronteira dialetal, como é defendido pelo autor citado. Não obstante, estes dados também confirmam a existência de uma área de transição em que convivem as duas variantes. Poder-se-ia afirmar que estamos perante um caso de *continuum dialetal*, como é natural nas línguas, já que as fronteiras entre as variedades linguísticas são normalmente difusas.
- b) Quanto à variação *ou-oi*, comprovamos que esta depende de fatores geográficos e também linguísticos. De uma parte, a ocorrência de *oi* é maioritária nos dialetos centro-meridionais. De outra, também no Norte encontramos casos de *oi* (ao contrário do que acontecia com a monotongação), fundamentalmente quando o aparecimento do *i* responde a questões de carácter etimológico.
- c) Quanto à situação no Brasil, o foco do estudo esteve principalmente na análise da distribuição do mantimento do ditongo e o processo de monotongação. Com o estudo de diferentes investigações dialetais sobre seis regiões do Brasil foi possível comprovarmos que a monotongação do *ou* não parece estar determinada, neste caso, por fatores geográficos. Desbotada esta hipótese, partimos da argumentação de Aragão (2014) de que o fator geográfico não é

importante para este assunto no Brasil, mas sim o são os fatores de tipo sociolinguístico como o da variação situacional.

- d) A conclusão anterior levou-nos a realizar um breve estudo empírico com base em dados tirados do dicionário *Forvo*. Os resultados mostraram uma clara tendência dos falantes brasileiros para conservarem o ditongo quando consideram que devem pronunciar palavras em situações formais (por exemplo, quando estas têm de servir como modelo para as pessoas que estão a estudar português). Esta tendência contrasta com a alta frequência da monotongação observada nos diferentes estudos dialetais analisados. Quanto aos falantes portugueses, a tendência maioritária é a para a monotongação. Entendemos que isto acontece porque esta variante é considerada como própria da língua padrão e é aceite como uma variante formal. Portanto, há um contraste claro entre as variedades portuguesa e brasileira do ponto de vista da variação situacional ou estilística.

Tendo em conta o referido até agora, poder-se-ia dizer que o estudo apresentado neste trabalho pode servir, em primeiro lugar, como elo de união entre uma série de estudos dialetais que foram realizados nos últimos anos e que apresentam a situação do ditongo em áreas geográficas concretas. Cumpru-se, portanto, o objetivo de oferecer um panorama geral que unisse as perspetivas diacrónica e sincrónica e que, ainda, apresentasse uma visão comum da situação atual em Portugal e no Brasil. Contudo, ficaram de fora os territórios insulares, pela dificuldade de acesso aos materiais destas áreas, cujo estudo poderá ser interessante para investigações futuras.

Por último, cumpre notar que seria necessário realizar investigações ulteriores para confirmar as tendências observadas na epígrafe 4.3. Consideramos que se trata de uma questão suscetível de ser analisada sob óticas diversas e com base em dados empíricos procedentes quer de *corpora* de natureza oral, quer de gravações e pesquisas realizadas *ad hoc*. Contudo, o estudo apresentado nessa epígrafe poderá servir como modelo inicial para este tipo de investigações.

## Bibliografia

- Aragão, M. (2012). Monotongação em capitais do Nordeste brasileiro: dados do ALiB. In S. Cardoso, J. Andrade, & M. Torres (Eds.), *Documentos 3. Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (pp. 77–94). Salvador: Vento Leste.
- Aragão, M. (2014). Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. In D. Hora, J. Pedrosa, & R. M. Lucena (Eds.), *Anais da ALFAL 2014: XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)* (pp. 2080–2101). João Pessoa: Ideia.
- Boullón Agrelo, A., & Monteagudo, H. (2009). De verbo a verbo: Documentos en galego anteriores a 1260. *Verba, Anexo 65*.
- Cardeira, E. (2005). *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Carvalho, S. (2007). *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala do Recife*. Pernambuco: Universidade de Pernambuco.
- Cintra, L. F. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22, 81–116.
- Cintra, L. F. (1983a). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Cintra, L. F. (1983b). Une Frontière Lexicale et Phonétique dans le Domaine Linguistique Portugais. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (pp. 95–105). Lisboa: Sá da Costa Editora Editora.
- Cristofolini, C. (2011). Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *ABRALIN*, 10(1), 205–229.
- Ferreiro, M. (1999). *Gramática histórica galega*. Santiago de Compostela: Laivento.
- Freitas, B. (2017). *Estudo da monotongação de ditongos orais decrescentes na fala uberabense*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho.”
- García, P., Fernández-Ordóñez, I., Heap, D., Perea, M., Saramago, J., & Sousa, X. (2016). *Atlas lingüístico de la Península Ibérica*. Madrid: CSIC.

- Hricsina, J. (2013). Evolução do sistema vocálico do latim clássico ao português moderno (tentativa da verificação in corpora). *Études Romanes de Brno*, 34, 205–225.
- Lopes, R. (2002). *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. Universidade Federal do Pará.
- Maia, C. (1986). *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Mariño Paz, R. (1998). *Historia da lingua galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Martins, A. M. (2016). O português numa perspectiva diacrónica e comparativa. In A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 1–42). Berlin/Boston: De Gruyter.
- Menéndez Pidal, R. (1950). *Orígenes del español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI* (Madrid: Espasa-Calpe (ed.)).
- Milroy, L. (1998). Bad Grammar is Slovenly. In L. Bauer & P. Trudgill (Eds.), *Language myths* (pp. 94–102). London: Penguin.
- Moreno Cabrera, J. C. (2000). *La dignidad e igualdad de las lenguas. Crítica de la discriminación lingüística*. Madrid: Alianza.
- Moreno Cabrera, J. C. (2015). *Errores y horrores del españolismo lingüístico. Cinco vocales para conquistar el mundo*. Tafalla: Txalaparta.
- Penny, R. (2004). *Variación y cambio en español*. Madrid: Gredos.
- Piel, J. (1932). Da Vocalização do “L” em Português. *Biblos*, 7, 95–101.
- Raposo, E., Bacelar, M. F., Coelho, M. A., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian.
- Saussure, F. (1983). *Curso de lingüística general*. Madrid: Alianza.
- Schilling-Estes, N. (2006). Dialect variation. In R. Fasold & J. Connor-Linton (Eds.), *An introduction to language and linguistics* (pp. 311–341). Cambridge: Cambridge

University Press.

Silveira, L. (2019). *Monotongação em uso no português do sul do Brasil*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Souto Cabo, J. A. (2008). *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. A Coruña: Revista Galega de Filoloxía / Universidade da Coruña.

Souto Cabo, J. A. (2014). Os primeiros escritos em galego-português: revisão e balanço. In L. Eirín & X. López Viñas (Eds.), *Lingua, texto e diacronía. Estudos de lingüística histórica* (pp. 369–393). A Coruña: Universidade da Coruña / Área de Filoloxías Galega e Portuguesa.

Trudgill, P. (1995). *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. London: Penguin.

Väänänen, V. (1988). *Introducción al Latín Vulgar*. Madrid: Editorial Gredos.

Vela, F. (2020). *Forvo, o dicionário de pronúncia*. <https://pt.forvo.com>

Veloso, A. P. (2013). *A Variação ou ~ oi em Portugal Continental*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Williams, E. (1975). *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.